DOLORES

Pelos Caminhos das Lembranças

VALÉRIA VANDA XAVIER NUNES

Nativa

Dolores

Pelos caminhos das lembranças



Editor
Lucas Manoel Freire Monteiro Cabral

Conselho Editorial
Luíra Freire Monteiro
Flávio Carreiro de Santana
Emerson Marcelino Alves Silva

Conselho Científico
Alberto Edvanildo Sobreira Coura (UEPB)
Bruno Rafael de A. Gaudêncio (ALCG)
Eliton S. Medeiros (UFPB)
Flaubert Barros Leira (HGGP)
Flávio Carreiro de Santana (NUPEHL)
Glauber Paiva da Silva (UFPE)
Hélio de Sousa Ramos Filho (UFPB)
Hilmaria Xavier Ribeiro (UEPB)
Iordan Queiroz Gomes (NUPEHL)
João Pereira Silva Neto (IHLS)
José de Sousa Pequeno Filho (IHSB)
José Edmilson Rodrigues (ALCG)
Juvandi Dos Santos Silva (UEPB)
Laudemiro L. de Figueiredo Filho (IHSB)
Lucira Freire Monteiro (UEPB)
Luíra Freire Monteiro (UEPB)
Luiz Carlos dos Santos (IHGAN)
Maria Ida Steinmuller (IHCG)
Thélio Queiroz Farias (ALCG)
Thomas Bruno Oliveira (IHGP)
Thuka Kércia Morais de Lima (MDCG)
Vanderlei de Brito (IHCG)

Expediente

Designer gráfico	Emerson M. Alves Silva
Capista	George Tenório Pinto
Revisão linguística	Vanuza de Oliveira Barbosa
Normalização técnica	Luíra Freire Monteiro e
Normalização técnica	Flávio Carreiro de Santana

CBL Câmara Brasileira do Livro

Valéria Vanda Xavier Nunes

Dolores

Pelos caminhos das lembranças

Nativa

2021

Copyright 2021 – Nativa
ISBN 978-65-995379-7-4

Ilustração da capa:
Montagem de aquarelas florais variadas

Capa: George Tenório da Silva

Revisão técnica: Valéria Xavier e Iraneide Carvalho

Contato com a autora:
valeriavandaxavierl@gmail.com
Instagram -valeriaxavier_autora
Face book - Valéria Xavier Léia
Cel - 83 996 132 160

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.
A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184
do Código Penal.

Da autora

Retalhos de uma vida

A saga de sete mulheres

Entre uma coisa e outra

Marcas de um tempo

Ensaio sobre a mulher contemporânea

Onde tudo é passado

Dolores – Pelos caminhos das lembranças



Dedico esta obra às minhas filhas e netos

O homem que sabe o que quer

já percorreu um longo

caminho para alcançá-lo.

Napoleon Hill

Querer vencer significa já ter percorrido metade do caminho da vitória.

Padeewsky

Agradecimentos

Comecei a escrever este livro em fevereiro de 2020 em plena pandemia. Em vez de um romance sobre dramas familiares e psicológicos eu poderia estar escrevendo reflexões tipo: "O amor nos tempos do Corona vírus" parafraseando Gabriel Garcia Marques. Estávamos todos trancados em casa. O mundo inteiro, enquanto mulheres e homens combatiam a doença na linha de frente. Me angustiava pensar nos milhões de pessoas mortas e sofrendo nos hospitais; nos velhos solitários, nos sem teto e desamparados. Não podia me queixar de nada pois enquanto a vida estava um caos eu era privilegiada por seguir com minha vida. Por isso meu primeiro agradecimento só poderia ser para Deus que me poupou desta doença maldita dando-me saúde para continuar na minha luta particular que é a escrita.

Quero expressar infinitos agradecimentos aos meus amigos mais próximos e aos amigos distantes que fiz durante esses dezesseis anos. Amigos que me inspiram, me apoiam e, consequentemente, ajudam a compor a minha trajetória como escritora. Agradeço também a todos a quem roubei nomes, sobrenomes e maneiras de se portar diante da vida para a construção de alguns personagens. Agradeço aos meus revisores pela paciência e conselhos.

Voltando o olhar para o âmbito pessoal, minha gratidão também se estende a todos de minha família, em especial à minha leitora beta Walkiria Gomes de Matos, aos meus intensos irmãos, minhas filhas e meus genros tão queridos e que sem sombra de dúvida me incentivam a continuar minha trajetória como escritora.

Sumário

Despedida 4

A caminho do aeroporto 13

Origens 22

O noivado 31

Noivado desfeito 47

Vida nova 58

Desavenças 71

Anastácia 79

A fuga 88

Chegada inesperada 103

Separação 111

Pelos caminhos de Salgueiro 124

São Paulo, década de 80 134

Recomeço 144

Revelação 153

Conquistando a liberdade 161

Adversidades 171

Vivendo o sonho 177

Bernardo 184

Finalmente em casa 193

A indesejada das gentes 210

Tereza 226

Seu quarto, seu reino 232

Reconciliação 244



Capítulo 1
Despedida

O relógio de cabeceira tocava sem parar e ela nem se mexia. Os dias anteriores foram atarefadíssimos devido aos últimos preparativos para a virada de página no roteiro de sua vida. Desfez-se do que não poderia levar. Doou e vendeu o que adquirira com tanto esforço por todos aqueles anos. No fim do dia anterior estava exaurida, ansiosa e, sobretudo, eufórica. Caiu na cama e ficou lá, prostrada. Uma pedra, como aquelas bem cravadas no chão do sertão onde ela havia nascido. Não era de estranhar que não tivesse acordado ao primeiro toque do despertador cor de rosa feito na China e comprado na Rua 25 de Março. Surpreendentemente ele nunca a deixara na mão e, todos os dias, como uma furadeira em atividade, invadia seu quarto logo às primeiras horas da manhã.

Dolores gostaria de permanecer um pouco mais na cama em que descansava o corpo cansado de dias inteiros de trabalho. Ainda deitada, pensava em sua grande amiga Julieta que mais uma vez demonstrara uma verdadeira amizade lhe ajudando com tanto carinho nesses últimos dias antes de sua volta para casa. *Nem nos*

despedimos direito. Queria ter feito um jantarzinho para nós. Se existe uma pessoa da qual sentirei muitas saudades, essa pessoa será ela. Sempre me deu a mão em todos os momentos de minha vida; tanto nos de alegria, quanto nos de tristeza. Dolores ainda não estava totalmente desperta ao evocar sua amiga de tantos anos.

Longe dali, no seu quarto, Julieta também acordava e seu primeiro pensamento também tinha sido para a amiga. "Como será que Dolores está se arranjando"*?* Perguntava-se com uma ponta de preocupação. "A esta hora, do jeito que a conheço, já deve estar arrumada e com as malas prontas". Falava baixinho consigo mesma para não acordar o marido.

Julieta era uma advogada promissora. Charmosa e dona de um corpo escultural. Sua pele morena acentuada fazia olhos anônimos se virarem quando passava. Um rosto angular onde se via sobrancelhas cerradas que salientavam uns olhos de ressaca da cor de uma jabuticaba e um nariz reto prolongava a linha da testa. Casada com Eduardo, também um moreno muito bonito e inteligente. Ambos cearenses; nordestinos assim como Dolores. Eram pais de dois adolescentes.

Dolores a conheceu em um salão de beleza que começara a frequentar e onde Julieta já era cliente desde que haviam chegado a São Paulo, ela e o marido. Recém-formados no curso de Direito,

foram convidados a fazer parte de uma cooperativa composta de advogados vindos de várias regiões do país.

Havia algum tempo que Dolores se estabelecera na cidade. Procurava emprego. Precisava ter uma boa aparência*;* como costumava dizer: "*a aparência é tudo, Julieta. É o nosso cartão de visita.* Foi uma "amizade à primeira vista" e, à medida que os anos passavam, o carinho e a amizade entre elas só aumentavam.

Julieta pensou em ligar para ela para saber como se sentia, mas preferiu deixar para mais tarde. Não queria atrapalhá-la. Sabia como ficava uma pilha de nervos por tudo. *Vou sentir sua falta mesmo aguentando por tantos anos suas idiossincrasias. No íntimo, sei que é uma boa pessoa como sei também que nenhuma ciência jamais elucidará as pessoas e suas manias. Sempre tentei compreendê-la. A esta hora já deve ter acordado. Já deve ter se arrumado e fechado todas as malas daquele seu jeito próprio. Parece que a estou vendo neste momento*. Julieta sorriu para si mesma tristonha, pensando que não se despediram como gostariam. No entanto, uma coisa que não conseguia explicar lhe dizia que essa despedida não seria definitiva. *Será que um dia ela volta? Sempre foi tão imprevisível. Não admira se um dia ela não me faz uma de suas surpresas.*

Julieta sabe que coragem é uma energia íntima que leva as pessoas a seguirem em frente e sabe também que Dolores possui essa energia de sobra. Espreguiçou-se mais uma vez para afugentar o sono e levantar-se, porém, pensou melhor e virou-se de lado.

Puxou os lençóis até o pescoço. A manhã anunciava-se enregelante. Seus pés pareciam dois picolés. Seu marido dormia a sono solto ainda. Aconchegou-se a ele e sentindo o calor gostoso que vinha do seu corpo enroscou-se ainda mais decidindo por permanecer na cama mais um pouco. O dia anterior tinha sido um dia e tanto para as duas amigas.

Desta vez Julieta não se enganara. Dolores também pensava nela, e naquele exato momento, jogava para o alto seus breves pensamentos e, desnorteada, levantava-se da cama num ímpeto, pisando em sacolas espalhadas pelo minúsculo quarto. Inclinou o rosto, e levantando o olhar, deu de cara com o relógio antigo instalado na parede da sala. Relógio que só não havia sido vendido também porque não era seu; fazia parte do apartamento, e por ser muito pesado, a dona resolveu deixá-lo onde estava. Espantou-se com a hora. O velho relógio, com o pêndulo a balançar de lá para cá emitindo aquele som calmante tão seu conhecido, lhe mostrava o quanto estava atrasada. *Meu Deus? Eu devia estar mesmo muito cansada pra apagar desse jeito. E agora!? —,* olhava de um lado para o outro sem saber o que fazer primeiro. — *Comer alguma coisa ou me arrumar?*

Sua maquiagem vinha sempre em primeiro lugar. Nada a faria sair de casa sem se sentir muito bem arrumada, o que fazia, cuidadosamente. A idade nunca foi motivo para que ela se tornasse uma senhora desleixada. Atrasada como estava seria fácil deduzir sobre o que ela faria primeiro. Dirigiu-se a passos rápidos ao

minúsculo banheiro. Desvencilhou-se do pijama quentinho em segundos. Tomou um banho rápido devido ao frio que fazia sua pele enregelar. Nem o chuveiro elétrico adiantava quando o inverno chegava. Voltou ao quarto. Dobrou o pijama e o colocou em uma das malas que havia deixado aberta esperando as últimas peças a serem guardadas. Vestiu uma calça de alfaiataria que se adequava bem ao corpo, que por incrível que pudesse parecer, mesmo com seus mais de sessenta anos, ainda guardava as proporções da juventude.

Pôs uma blusa sanfonada de cor cinza de gola alta e calçou um sapato confortável de salto grosso, porém, mais para alto do que para baixo. Arrumou-se com esmero, *minha cara nunca deixará de ser meu cartão de visita.* Caminhou pelo pequeno apartamento como a se despedir de cada cantinho que criou com tanto carinho nos anos que viveu ali. *Vou sentir saudades de balançar-me em minha rede, nesta varandinha de que gosto tanto, nas muitas noites em que cheguei cansada do trabalho.*

Dolores morava no centro de São Paulo. Um prédio antigo, é verdade, no entanto, perto de tudo e rodeado de hotéis. Se orgulhava de seu endereço. O que para ela era uma maravilha, pois à noite, depois de um estafante dia de trabalho, tomava um banho, vestia algo leve e preparava alguma coisa para comer. Depois pegava uma tacinha de vinho e ia para a varanda de onde assistia ao

movimento de entra e sai dos hóspedes elegantes daqueles hotéis iluminados.

Gostava de ouvir o som das lindas músicas que lhe chegava aos ouvidos trazido pelo vento. Músicas tocadas ao piano para distrair os hóspedes e enchê-la de saudade. Dolores fechava os olhos, saboreava seu vinhozinho e devaneava se imaginando no lugar daquelas mulheres. Recordava esses momentos nos últimos instantes em que se via no lugar que até aquele dia fora só seu. Talvez nunca mais tivesse aquele privilégio.

Aquele apartamento estava impregnado da existência dela. O rádio de pilha, o relógio de pêndulo antigo na parede, a rede armada na varanda, os poucos móveis. Morar ali lhe dava certeza de que conseguira seu objetivo e também um sabor de pertencimento. Passou uma vista de olhos por todos os recantos em busca de mais alguma coisa para colocar na mala que continuava aberta. Voltou-se. Pegou uma escova de cabelo, a escova de dentes e o estojo de maquiagem que havia deixado no banheiro. Aproveitou e se olhou mais uma vez no espelho já um pouco desgastado pela ação do tempo. Colocou todos os pertences na malinha de mão. Fechou-a e saiu do banheiro.

Dolores era uma pessoa que adorava morar sozinha. Ninguém para mexer nas suas coisas nem tirar nada do lugar em que as colocava. Deu um profundo suspiro e afastou com a mão a

nostalgia que começava a apertar seu peito como a retê-la e a impedir que se fosse. Virou-se rapidamente. Apressou o passo. Olhou mais uma veza a hora no relógio de pêndulo antigo na parede – igual ao que existia em sua casa – que não parava de mostrar a velocidade dos ponteiros. Horrorizou-se. Percebeu que não tinha mais tempo algum para reminiscências.

Era preciso partir. *Não há tempo para tristeza e menos ainda para pensar em tomar café.* Sua barriga roncou, o que a fez perceber que estava com fome. Viu que estava muito atrasada e lembrou que mesmo que quisesse comer alguma coisa nada mais havia na geladeira desligada desde a noite anterior. *Tomarei um café no aeroporto se der tempo, ou então comprarei umas frutas e comerei antes do embarque. Sim, tenho que lembrar de procurar um telefone público no aeroporto e ligar pra Julieta. Agradecer-lhe mais uma vez por todo o carinho que sempre teve por mim.*

Estava decidido. A barriga podia roncar o quanto quisesse. Pegou um cachecol listrado nas cores cinza e preto, um sobretudo – que já havia separado na noite anterior, um pouco já surradinho é verdade –, no entanto, ao senti-lo nas mãos, uma memória afetiva a fez pensar no grande amor de sua vida.

Pegou o interfone e chamou o zelador, seu José. Pediu-lhe que viesse ajudá-la a descer as malas. Olhou o apartamento mais uma vez, contou as malas que já estavam prontas há dias e as

arrastou até à porta do apartamento. Ergueu as que podia levar nas próprias mãos e esperou seu José que já vinha pelo longo corredor, quase às escuras, no seu passinho apressado.

— Bom dia, dona Dolores; já posso descer as malas?

— Pode sim seu José, obrigada. — Respondeu Dolores com a voz um pouco entrecortada.

Ele, muito solícito, ajudou-a a carregar as duas malas mais pesadas e caminhou se arrastando até o elevador. Dolores fechou o apartamento e sem olhar mais para trás acompanhou-o pelos corredores sombrios e úmidos. Entrou no elevador onde seu José a esperava com a porta entreaberta. Colocou nas mãos dele as chaves do apartamento para serem entregues ao locador. Ele as guardou num dos bolsos da calça, fechou a porta, apertou o botão desejado e o elevador desceu devagar dando pequenos saltos até chegar ao térreo.

O porteiro havia se tornado um bom e grande amigo de Dolores. Como já a conhecia bem, tomou a liberdade de chamar um táxi que já a esperava com o porta-malas aberto. Com seu cabelo esbranquiçado saindo por baixo de um boné azul já desbotado pelo uso – presente de Dolores —, e vestindo uma camisa de algodão também azul que parecia grande demais para ele, colocou as bagagens em seus lugares. Na calçada abraçou Dolores

apertadamente. Lágrimas caíam de seus olhos enevoados pela catarata.

— Adeus, dona Dolores. Será que um dia a gente ainda vai se encontrar? — Refazendo-se da emoção, ela olhou bem nos olhos dele e disse carinhosamente:

— Claro, seu José. Assim espero. Pra que esse choro homem? Enxugue estas lágrimas senão eu vou chorar também e não quero borrar minha maquiagem. O senhor sabe como eu sou. — Tornou a abraçá-lo bem apertado. Sabia que estava mentindo para ele. Sabia que aquela seria a última vez que o veria, pois não achava que voltaria àquela cidade tão amada nunca mais.

Meses depois, em sua terra natal, Julieta lhe dá a notícia de que seu José havia sido atropelado ao atravessar as ruas agitadas de São Paulo logo cedinho, quando ia para o trabalho. O velhinho não resistira e fora a óbito antes mesmo de ser levado ao hospital. *É assim a vida numa grande metrópole. De repente você é assaltado, é atropelado, é sequestrado e em segundos pode desaparecer para sempre.* Dolores pensou com tristeza e com muita saudade de seu fiel amigo.

Dolores sentia pavor de andar por aquelas ruas turbulentas e cheias de gente. Motoristas impacientes. Pedestres apressados. Lembra que tinha comentado uma vez com Julieta sobre como se sentia insegura ao caminhar pelas ruas e avenidas da cidade que não dorme. *Morria de medo de ser atropelada.*



Capítulo 2

A caminho do aeroporto

Há horas que o táxi saíra do prédio de Dolores. Como sempre, o trânsito para o aeroporto de Guarulhos estava insuportável. O barulho dos ônibus e automóveis, que mesmo àquela hora tomava conta da cidade, era ensurdecedor. O interior congelante do táxi deixava Dolores mais nervosa. Embora morasse há tanto tempo na grande São Paulo não poderia negar que sentia a falta do ar quente de seu sertão e, sobretudo, do calor humano do sertanejo. Àquela hora da manhã, daquele seu último dia na cidade da garoa, a cerração e a poluição cobriam tudo. Já se acostumara àquele clima instável da cidade que a adotara por tantos anos, porém, nessa manhã o clima frio e a velha cerração a inquietavam muito mais. Temia perder seu voo.

A neblina ininterrupta que cobria os arranha-céus e os viadutos tornava a visibilidade quase zero. Sua impaciência e inquietação eram palpáveis. O taxista, um senhor de meia-idade, agasalhado até o pescoço, tentou ser agradável puxando conversa

com a passageira na intenção de distraí-la, pois percebera sua inquietação através do retrovisor. Dolores o ignorou por diversas vezes. Ele preferiu calar-se e dedicar-se ao seu ofício. Concentrou-se na direção. Ligou o rádio numa emissora entremeada de propagandas e notícias de tiroteio nas favelas entre traficantes e milicianos. Notícias corriqueiras que Dolores estava farta de ouvir e que detestava. O senhor vez ou outra levantava a vista e via que ela continuava impaciente. Nervosa. Achou melhor mudar de estação e procurar outra que tocasse alguma música. *Quem sabe uma música relaxe ela.*

Dolores, naquele momento, nem prestava atenção à música nem à delicadeza do motorista. Tentava visualizar, pela janela embaçada, alguma indicação de que já se encontravam perto do aeroporto. Com os dentes pressionando o lábio inferior, os olhos fechados e o rosto em direção ao teto do táxi, quem a visse pensaria que estava em oração. Não estava. Pensava com seus botões e com o cenho franzido, *será que esqueci alguma coisa? Tomara que não. Não quero deixar nada para trás.* Seu pensamento era categórico; não admitia dúvidas. Afinal, estava voltando definitivamente para casa, logo não poderia ter deixado para trás nada de que pudesse precisar no futuro. *Agora é pra valer.*

Não era como das outras vezes, décadas atrás quando ela viajava para as comemorações de final de ano com as passagens de avião compradas com muito sacrifício e com datas marcadas –

sempre em vermelho – ida e volta. Agora, nesta volta para casa depois de mais de 40 anos, ela se sentia privilegiada em poder comprar sua passagem sem tanto sacrifício, graças ao novo governo que conseguira estabelecer a estabilidade econômica e retomar o crescimento do país reduzindo a pobreza e a desigualdade social, diminuindo assim, as diferenças entre pobres e ricos.

Baixou a cabeça e procurou as passagens na bolsa. Pegou-as. Ainda custava a crer que finalmente havia tido coragem para largar toda uma vida que construíra na maior cidade do país. Dobrou-as com cuidado e as guardou novamente não sem antes enxugar uma lágrima sorrateira que escapuliu de seu olho e escorreu por sua face esquerda. *Não posso borrar minha maquiagem. Detesto marcas de lápis manchando de preto os meus olhos.*

Tirou da bolsa um lencinho de papel umedecido que sempre levava na bolsa e um espelhinho pequeno num formato de coração. Viu que o batom estava borrado no canto da boca e o retocou. Balançou ligeiramente a cabeça como para espantar mais algumas lembranças. O que era impossível. Para quem está aberto às imagens do passado qualquer coisa é suficiente para despertá-las. E as suas lembranças eram como peixes presos em uma rede de pescador, ansiosos para pularem e tomarem forma em sua mente. Dolores parou de lutar contra e se deixou levar por elas como se estivesse num mar de águas claras.

Lembrou-se, com nostalgia, porém com um ar de riso nos lábios, das vezes que ia às compras no Brás ou na 25 de março. Ruas estreitas, barulhentas, apinhadas de gente de todas as regiões do Brasil que chegavam em busca das novidades em confecção, decoração, presentes. Tudo ali enchia os olhos dos lojistas e de todas as pessoas que nessa época do ano buscavam os convidativos preços baixos que eram oferecidos. Sacolas cheias até o limite. Clientes passavam o dia numa ida e vinda incansável dos hotéis onde se hospedavam até as ruas comerciais lotadas

Chega a sentir o cheiro de suar dos corpos que se aglomeravam. O cheiro que exalava das frutas já maduras demais e que eram vendidas nas beiras das calçadas. Ouve o som das buzinas dos táxis a espera de clientes perdidos ou atrasados em meio a tanta gente. A imagem que tem daquela rua neste momento é tão vívida que Dolores segura forte sua bolsa como se estivesse lá, assustada com os ladrões que se aproveitavam das pessoas desavisadas. Por esse motivo sempre saía com as roupas mais simples possíveis, porém, sem se descuidar da aparência; enfeitada com suas inseparáveis bijuterias; nos lábios seu batom vermelho e com o dinheirinho contado guardado numa bolsinha presa ao corpo. *Procurava não dar chance para aqueles larápios levarem meu dinheiro ganho com tanto esforço. Ninguém estava livre de suas artimanhas*. Tornou a arrumar o cachecol em volta do pescoço e cruzou os braços por causa do frio que fazia no interior do táxi.